

JANET BENGÉ
GEOFF BENGÉ

MARY SLESSOR

ENVIADA A CALABAR

HERÓIS CRISTÃOS
ONTEM & HOJE

Sumário

1. A vice-cônsul de Ocoiongue	9
2. Era por sua conta	13
3. Tragédia e trabalho duro	13
4. Uma posição de honra	39
5. Em solo africano	51
6. A tarefa à sua frente	65
7. Um esforço constante	79
8. Old Town	89
9. Convidado de honra	101
10. Janie	115
11. Creek Town	125
12. Para Ekenge	135
13. Deixando os velhos costumes	147

14. <i>Eka Kpukpuru Owo</i>	159
15. Um pouco de ajuda	171
16. Aos poucos	187
17. Alguém singular	201
Bibliografia	215

A vice-cônsul de Ocoiongue

O sol quente da África Ocidental batia sobre a clareira nos limites do povoado. Metade da tarde já havia passado e a audiência no tribunal, que começara bem cedinho pela manhã, ainda se arrastava. Okpono, com o corpo quase nu brilhando ao sol, argumentava mais uma vez, de forma animada, sobre o motivo de ele achar que seu cunhado deveria ser forçado a devolver o dinheiro que lhe devia. A vice-cônsul de Ocoiongue estava sentada de pernas cruzadas à sombra de uma enorme sumaúma ouvindo o argumento enquanto trabalhava habilmente com as agulhas de tricô em suas mãos, passando o fio de lã sobre a ponta de cada agulha para formar um novo ponto. O tricô parecia exercer um efeito calmante sobre ela e sobre a multidão que se reunira para assistir aos procedimentos. A vice-cônsul já tinha ouvido Okpono apresentar sua linha argumentativa pelo menos umas vinte

vezes, e escutado como o cunhado de Okpono a refutara em cada uma delas. Ela podia ver que os homens estavam começando a se cansar de falar, e logo seria a sua vez de assumir e julgar. A experiência lhe ensinara ser importante que os envolvidos no caso falassem sobre o problema até não haver mais o que falar e estivessem prontos a ouvir o que ela tinha a dizer.

Ainda causava surpresa a Mary Slessor, a escocesa de olhos azuis e cabelos ruivos que servia como vice-cônsul, que fosse ela quem decidisse tais disputas, e que tantas pessoas viessem observar os procedimentos. Quando Mary chegara pela primeira vez à região de Ocoiongue anos antes, as pessoas fugiram dela aterrorizadas. Elas nunca tinham visto uma mulher branca antes, e criam que seus cabelos ruivos sinalizassem que sua cabeça estava pegando fogo. No entanto, ao longo dos anos, Mary conquistara a confiança das pessoas da região. Agora as pessoas a denominavam “Mãe Branca” e, em vez de fugir, elas a rodeavam. Ninguém havia feito mais que a Mãe Branca para mudar os costumes e as práticas cruéis e desumanas que aterrorizaram a vida das pessoas durante tantos anos.

Mary concentrou sua atenção no caso. O cunhado de Okpono estava agora encerrando mais uma refutação à argumentação de Okpono, e era hora de Mary começar a pensar em proferir a sentença. Na verdade, a decisão seria curta e direta ao ponto; no entanto, Mary ainda tinha algumas coisas em que pensar. Ela estava irritada porque Okpono havia levado o cunhado ao tribunal quando ele

próprio negligenciava seus filhos e se deleitava em sorrir suas esposas com regularidade, principalmente a esposa que era a irmã do homem arrastado por ele ao tribunal. Entretanto, o que mais incomodava Mary era o fato de esse cunhado ser um homem trabalhador e honrado: ele simplesmente tivera uma maré de azar. Assim, embora o caso fosse claro e simples — o cunhado devia o dinheiro e precisava pagá-lo — Mary estava preocupada com a administração da justiça em um sentido mais amplo. Além de entender que as dívidas precisavam ser pagas, as pessoas precisavam ver que não era certo negligenciar os filhos ou bater nas esposas.

Mary sentou-se tricotando em silêncio e refletia sobre o que fazer. Depois de vários minutos, ela deixou o tricô de lado e ficou em pé. Olhando diretamente nos olhos do cunhado de Okpono, ela disse: — Eu o considero culpado e ordeno que você pague a Okpono o dinheiro que lhe deve.

Abatido com a derrota, o cunhado abaixou a cabeça. Na mesma hora, um grande sorriso debochado surgiu no rosto de Okpono. Contudo, Mary tinha uma surpresa para ele. Ela voltou a falar com o cunhado: — Eu também lhe ordeno que dê uma surra em Okpono, aqui e agora. Certifique-se de ser uma surra das boas, ou vou multá-lo por pegar leve com ele.

Um olhar de choque rapidamente substituiu o sorriso no rosto de Okpono. Ao mesmo tempo, olhares de satisfação se espalhavam pelo rosto das pessoas que compunham a multidão. Aquilo sim era justiça. A Mãe Branca realmente entendia o modo de vida deles.

Com os deveres como vice-cônsul terminados naquele dia, Mary guardou seu tricô e o colocou em uma bolsa. Era hora de comer e, depois, partilhar um pouco mais da mensagem do Evangelho com o povoado. De manhã, Mary começaria a caminhada de volta a Ekenge, o povoado onde ela morava.

Naquela noite, enquanto estava sentada junto ao fogo e comia uma tigela de ensopado de milho com as mãos, Mary se perguntava o que as pessoas da fábrica de algodão Baxter, em Dundee (Escócia), pensariam se pudessem vê-la agora. Elas provavelmente ficariam surpresas por ela ter conseguido permanecer viva por tanto tempo em um ambiente tão hostil, em especial quando tantos outros missionários haviam morrido poucos anos depois de chegar a Calabar. Elas também poderiam se maravilhar com o fato de que a menina de 11 anos que começara a trabalhar na fábrica, fosse agora vice-cônsul, a única administradora da lei britânica na região de Ocoiongue. É claro que Mary também não teria acreditado nessa possibilidade naquela época; no entanto, aqui estava ela. Não havia como negar — ela havia crescido muito desde a época em que fora a garotinha que trabalhava na fábrica. Na verdade, ela agora se sentia mais em casa entre as pessoas da região de Ocoiongue que entre seus conterrâneos na Escócia. Na realidade, ela agora se referia aos africanos como “seu” povo, e eles se referiam a ela como *Eka Kpukpru Owo*, a “Mãe de Todos” nós. Aquilo tudo era muito diferente e distante da sua vida em Dundee.